
**Contribuições da “interpretação dos sonhos” para a
teoria e técnica da psicanálise**
**Contributions of the “interpretation of dreams”
for theory and technique of psychoanalysis**

ELISA ORNELLAS¹
GLÁUCIA VALÉRIA PINHEIRO DE BRIDA²

RESUMO: Este artigo pretende apresentar a técnica da teoria da *Interpretação dos Sonhos*, como método psicoterapêutico segundo Freud e como foi à elaboração desta pelo mesmo. Relata-se a visão dos sonhos para a humanidade no decorrer dos anos, como era visto pela sociedade na Antigüidade até sua descrição por Freud. Dispõe-se de informações necessárias para que possa haver a compreensão dos sonhos no âmbito patológico e no âmbito normal, contextualizando a metodologia e as idéias de Freud sobre o funcionamento em que escreve a interpretação dos sonhos e investigando a maneira com que utilizava sua interpretação. A metodologia utilizada foi de um estudo exploratório, de revisão de literatura, baseada em fontes bibliográficas, artigos científicos em periódicos e *sites* e mais aprofundado nos escritos de Freud, da *Interpretação dos Sonhos*. O intuito dessa pesquisa consiste em investigar a técnica de *Interpretação dos Sonhos* exposta por Freud, e a sua importância no tratamento psicoterapêutico. A *Interpretação dos Sonhos* caracterizou-se como marco histórico para psicanálise, distinguiu o período que Freud utilizava uma linguagem e análise fisiológica, para o período em que passou a dispor de uma análise e concepções com linguagem mais psicológica.

Palavras-chave: Interpretação dos Sonhos. Psicanálise. Freud. Sonhos.

ABSTRACT: This article intends to present the technique of the

¹ Graduanda em Psicologia da Faculdade Ingá – UNINGÁ – Av. Colombo, 9727, Km 130, Cep 87070-810, Maringá-PR, e-mail: elisaornellas@yahoo.com.br

² Professora Mestre da Faculdade Ingá – UNINGÁ.

Interpretation of dreams theory, as a psychotherapeutic method, according to Freud, and how he elaborated this theory. It reports the vision of dreams to the humanity throughout the years, how it was seen by the Antiquity society until Freud describes it. It makes use of necessary information for comprehension of dreams in pathologic and normal ambits, contextualizing the methodology and ideas by Freud regarding functioning, where he writes the *interpretation of dreams*, and investigating the way he used his interpretation. The methodology used was exploratory researches, literature review, bibliographical sources, in periodic scientific articles and specific web sites about Freud’s writings of interpretation of dreams. The aim of this research is to investigate the *interpretation of dreams*’ technique exposed by Freud and its importance in the psychotherapeutic treatment. The *interpretation of dreams* was characterized as an historical mark to psychoanalysis, and it distinguished the period that Freud used a language and physiological analysis from the period when he started to use an analysis and conceptions with more psychological language.

Key-words: Interpretation of Dreams. Psychoanalysis. Freud. Dreams.

INTRODUÇÃO

O livro *Interpretação dos Sonhos*, de Sigmund Freud, é um marco na teoria psicanalítica, uma vez que Freud apresenta neste texto o método da Psicanálise. Este artigo pretende apresentar uma análise do método e da teoria que embasam a *Interpretação dos Sonhos*, e contextualizar as idéias de Freud sobre o funcionamento mental (no âmbito do normal e do patológico) no momento em que escreve a interpretação dos sonhos, objetivando compreender como se dá a interpretação dos sonhos para Freud.

Este artigo apresenta as diferentes formas como a humanidade tem se interessado pelos sonhos, até a publicação do livro *Interpretação dos Sonhos*. Nessa revisão é apresentada as concepções de sonho, suas causas e significados. Trataremos da simbologia dos sonhos e a fisiologia dos sonhos. A partir da teoria psicanalítica observa-se a importância do sonho como a realização de desejo, e procura-se elucidar os processos que se devem à estranheza e a obscuridade dos sonhos, devido à natureza das forças psíquicas por cuja ação concomitante ou mutuamente oposta os sonhos são gerados. Caracteriza-se como foi desenvolvida a teoria em que Freud formula a interpretação dos sonhos, teoria esta que se enquadra

como modelo para estudo e compreensão psicológica do fenômeno onírico, enquanto se considerar essencial, no homem, sua peculiaridade de pensar, criar símbolos, elaborar fantasias, conscientizar.

A VISÃO DOS SONHOS NA ANTIGÜIDADE

Segundo Chevalier (1999) a população egípcia atribuía aos sonhos um valor, sobretudo premonitório: O deus criou os sonhos para indicar o caminho aos homens, quando esses não podem ver o futuro. Sacerdotes-leitores, escribas sagrados ou onirólogos interpretavam nos templos os símbolos dos sonhos, segundo chaves transmitidas de era em era. A oniromancia¹, ou a divinação² por meio dos sonhos, era praticada em todos os lugares. O autor relata que para os negritos³ das ilhas Alemãs, os sonhos são produzidos pela alma, que é considerada como a parte maléfica do ser. Sai pelo nariz e realiza fora do corpo às proezas de que o homem toma consciência no sonho.

Mulr (APUD CHEVALIER, 1999) apresenta também qual a visão sobre os sonhos para os índios da América do Norte, onde cita:

“Para todos os índios da América do Norte, o sonho é o signo final e decisivo da experiência. Os sonhos estão na ordem das liturgias; estabelecem a escolha dos sacerdotes e conferem a qualidade de xamã⁴; é deles que provêm à ciência médica, o nome que se dará às crianças, e os tabus, eles ordenam as guerras, as caçadas, as condenações à morte e a ajuda a ser ministrada; só eles compreendem a obscuridade escatológica. Enfim o sonho... confirma a tradição, é o selo da legalidade e da autoridade”.

Seguindo ainda com a origem da interpretação dos sonhos sugerida pelos povos, Chevalier (1999) conta que para os bantus do Kasai, certos sonhos eram produzidos pelas almas que se separam do corpo durante o sono e as mesmas vão conversar com as almas dos mortos. Esses sonhos têm um caráter premonitório referente à pessoa, ou

¹ Pretensa arte de adivinhação pelos sonhos;

² Adivinhação;

³ Povoado vivente na Alemanha;

⁴ Mago xamanista;

então podem consistir em verdadeiras mensagens dos mortos aos vivos, que interessam a toda a comunidade. Na seqüência o autor fala da perspectiva da teoria da Literatura do sonho, que pode ser abordado como um gênero literário, absolutamente não sendo restrito a isso. Pois desde sempre, desde tempos imemoriais, ele foi objeto de outras considerações, e tem exercido outras funções para os humanos: forma de conhecimento, meio de previsão do futuro, veículo de comunicação com os deuses, espaço de teofania⁵, campo privilegiado da simbolização e da analogia, "via real para o inconsciente". Desprezado pela ciência, por um largo tempo, na história da humanidade, como manifestações simplórias e alógicas de uma mente adormecida, nos tempos modernos foi com a Psicanálise que o sonho recuperou sua posição privilegiada, encarado como algo de extremo valor. simbolização e da analogia, "via real para o inconsciente". Desprezado pela ciência, por um largo tempo, na história da humanidade, como manifestações simplórias e alógicas de uma mente adormecida, nos tempos modernos foi com a Psicanálise que o sonho recuperou sua posição privilegiada, encarado como algo de extremo valor.

Segundo Meneses (2000) o sonho é extremamente significativo para os gregos, pois são considerados por eles como uma dádiva. Na versão esquiliana da lenda de Prometeu⁶, o titã doa aos homens não apenas o fogo roubado dos deuses, mas também as formas das artes divinatórias, a esperança e os sonhos. O fogo e os sonhos: dá o que pensar o fato de que esses dois dons, absolutamente fundamentais para o ser humano, tenham uma proveniência comum: são legados do deus civilizador.

Meneses (2000) afirma que além do amor aos mortais, o que há de mais instigante nesse mito, é a ligação estabelecida entre sonho e desejo. Tendo o herói de Prometeu Acorrentado dito ao Coro que o reino de Zeus findaria, e isso traria sua libertação, o Coro lhe pergunta se nessa predição ele não toma simplesmente seus desejos por realidade, e Prometeu responde: "Eu digo o que acontece, e, além disso, o que desejo". Ou seja, Prometeu faz uma relação entre os sonhos e os desejos internos do indivíduo, dessa forma traz a afirmação que os sonhos além

⁵ Aparecimento ou revelação da divindade.

⁶ A figura trágica e rebelde de Prometeu, símbolo da humanidade, constitui um dos mitos gregos mais presentes na cultura ocidental. Prometeu roubou o fogo escondido no Olimpo para entregá-lo aos homens. Fez do limo da terra um homem e roubou uma fagulha do fogo divino a fim de dar-lhe vida. Simboliza o homem que, para beneficiar a humanidade, enfrenta o suplício inexorável; a grande luta das conquistas civilizadoras e da propagação de seus benefícios à custa de sacrifício e sofrimento.

de todo seu significado místico, também possui uma parcela de ocorrência aos nossos desejos, o que Freud mais tarde irá identificar em sua teoria. Prometeu não apenas dá aos homens os sonhos, mas foi o primeiro "a distinguir entre eles quais hão de tornar-se realidade...".

Meneses (2000) concluiu afirmando que ao estudar sonhos de uma determinada cultura leva à caracterização do universo cultural que gerou aqueles sonhos. Há que se reconhecer à historicidade do sonho, ou melhor, das imagens oníricas, surgidas do arsenal imagético de cada sonhante, na linha de uma "história do imaginário", sendo assim todo sonho além do significado trás em si seu contexto histórico cultural, onde se pode levar em consideração esses dados.

O SIMBOLISMO E A INTERPRETAÇÃO

Laplanche (1998) afirma que Freud desde o início de sua teoria havia reconhecido a existência dos símbolos. Na exata medida em que, contra as concepções científicas, Freud aproximava-se dos pontos de vista populares, que atribuem em sentido ao sonho, o autor tinha que se diferenciar nitidamente das chaves dos sonhos, que supõe uma simbólica universal e podem levar a uma interpretação quase automática. Segundo Laplanche (1998) o termo simbólico é empregado para designar a relação que une o conteúdo manifesto de um comportamento, de um pensamento, de uma palavra, ao seu sentido latente, é empregado quando o sentido manifesto está mais ausente.

Segundo o autor, antes da teoria psicanalítica, as teorias científicas do sonho tentavam explicá-lo como fenômeno da vida mental, invocando uma redução da atividade psíquica, um relaxamento das associações, algumas definiam o sonho como uma atividade específica, mas nenhuma levava em consideração o conteúdo e a relação existente entre este e a história pessoal do sonhante.

A interpretação para Freud, destaca a partir do relato feito pelo indivíduo (conteúdo manifesto), o sentido do sonho tal qual ele se formula no conteúdo latente a que conduzem as associações livres. O objetivo último da interpretação é o desejo inconsciente e a fantasia em que este toma corpo.

A FISILOGIA DOS SONHOS

Freud (1900) explica que durante o sono existem estímulos externos que podem provocar sensações, de pressão ou contato e estas

podem interferir nos sonhos. Por outro lado são as excitações sensoriais internas, que desempenham um papel essencial na produção das ilusões que ocorrem nos sonhos, como as sensações visuais e auditivas subjetivas que nos são familiares, no estado de vigília, como as áreas de luminosidade que se tornam visíveis para nós quando nosso campo visual é obscurecido, como o tinido ou zumbido nos ouvidos, e assim por diante. Especialmente importante entre elas são as excitações subjetivas da retina. É dessa forma que se deve explicar a notável tendência dos sonhos a fazerem surgir diante dos olhos objetos semelhantes ou idênticos, em grande número. Esses estímulos, porém, estão em desvantagem com relação aos estímulos sensoriais objetivos, no sentido de que seu papel na instigação de um sonho é pouco ou nada acessível à confirmação, como ocorre com os estímulos objetivos mediante a observação e a experimentação.

Guyton (1998) explica fisiologicamente as duas formas de sono que são caracterizadas como estados da atividade cerebral, que nos ocorre no período em que estamos dormindo. Uma forma de sono trata-se do sono SOL, ou sono de ondas lentas, um sono profundo e verdadeiramente repousante, pois ocorre diminuição ao tônus vascular periférico, diminuição do tônus de outras funções vegetativas do corpo como, por exemplo, 30% da pressão arterial, da frequência respiratória e do metabolismo basal. Durante esse sono que estamos em maior repouso não é possível que lembremo-nos dos sonhos que tivemos nesse período.

O outro tipo caracteriza-se pelo sono REM, ou sono dos movimentos rápidos do olho, onde há a redução de tônus muscular, a frequência cardíaca e respiratória é irregular, ocorre a diminuição da atividade dos músculos periféricos, a elevação de mais ou menos 20% do metabolismo cerebral, e apesar da atividade cerebral elevada ela não é canalizada na direção apropriada para que as pessoas tenham plena consciência do ambiente em que se encontram e, portanto para serem acordadas, é então nesse período de sono que ocorre os sonhos que temos consciência de lembrarmos ao acordarmos ou em outro horário do dia.

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Freud (1900) apresenta provas de que na utilização da técnica de interpretação dos sonhos, o mesmo se revela como uma estrutura psíquica que tem sentido e pode ser inserida num ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília. Esforça-se para elucidar os processos que se

devem à estranheza e a obscuridade dos sonhos, e por deduzir desses processos à natureza das forças psíquicas por cuja ação concomitante ou mutuamente oposta os sonhos são gerados.

Para Freud (1900) embora em seus escritos existam muitas observações estimulantes e uma boa quantidade de material interessante relacionado com o tema abordado, pouco ou quase nada aborda a natureza essencial dos sonhos ou que ofereça uma solução final para qualquer de seus enigmas. O indivíduo que tem o sonho geralmente acorda considerando que mesmo que não tenham eles próprios vindos de outro mundo ao menos haviam transportado para outro mundo.

Strumpell (1877, APUD FREUD, 1900) escreve num sentido semelhante em seu estudo sobre a natureza e origem dos sonhos.

“O homem que sonha fica afastado do mundo da consciência e vigília. (...) nos sonhos, nossa recordação do conteúdo ordenado da consciência de vigília e de seu comportamento normal vale tanto como se estivesse inteiramente perdido.(...) a mente é isolada , nos sonhos, quase sem memória, do conteúdo e assuntos comuns da vida de vigília” (FREUD, 1900).

Segundo Freud (1900), o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo da experiência, e foi reproduzido ou lembrado no sonho, contudo um erro afirma uma ligação dessa natureza, esteja destinado a vir à luz facilmente como resultado imediato da comparação entre ambos. A ligação exige ser diligente procurada, e em inúmeros casos está na faculdade da memória dos sonhos e que embora geralmente observados, até hoje têm resistido à explicação. É impossível no conteúdo do sonho surgir um material que não faça parte de nosso conhecimento ou nossa experiência. Ficamos assim na dúvida quanto à fonte a que recorreu o sonho e sentimo-nos tentados a crer que os mesmos possuem uma capacidade de produção independente. Muitas vezes após um longo intervalo do sonho alguma nova experiência relembra a recordação perdida no outro acontecimento e ao mesmo tempo revela a fonte dos sonhos.

O autor relata que uma das fontes de onde os sonhos retiram material para a produção é a experiência da infância. Para ele uma das mais surpreendentes e menos compreensíveis características da memória

nos sonhos é demonstrada na escolha do material reproduzido. Pois o que se considera digno de ser lembrado não é, como na vida de vigília, apenas o que é mais importante, mas pelo contrário, também o que é irrelevante e insignificante. Segundo o autor, pode-se perceber uma notável preferência da memória nos sonhos, por elementos indiferentes e conseqüentemente despercebidos da experiência para qualquer teoria da memória em geral. Ele nos ensina que “nada que tenhamos possuído mentalmente uma vez pode se perder inteiramente” (SCHOLZ, 1893, APUD FREUD, 1900).

Os sonhos segundo Freud (1900), poder-se-ia supor que são as manifestações de uma atividade reprodutiva que é exercida mesmo durante a noite e que constitui um fim em si mesmo.

Há quatro tipos de fontes que são utilizadas para a classificação dos próprios sonhos: Excitações sensoriais externas; Excitações sensoriais internas (subjetivas); Estímulos Somáticos Internos (Orgânico); Fontes de estimulação puramente psíquicas.

Excitações Sensoriais Externas: Segundo Freud (1900), durante o sono não é possível manter os estímulos completamente afastados de nossos órgãos sensoriais, nem podemos suspender inteiramente a excitabilidade de nossos órgãos dos sentidos. O fato de um estímulo razoavelmente poderoso nos despertar a qualquer momento é a prova de que, mesmo no sono, a alma está em constante contato com o mundo extracorporal, ou seja, os estímulos sensoriais que chegam até nós durante o sono podem muito bem tornar-se fonte de sonhos. O argumento baseado na semelhança entre o estímulo e o conteúdo do sonho se fortalece quando é possível transmitir deliberadamente um estímulo sensorial à pessoa adormecida e nela produzir um sonho correspondente àquele estímulo.

Excitações sensoriais internas (Subjetivas): As excitações sensoriais subjetivas possuem a vantagem óbvia de não dependerem, como as objetivas, de circunstâncias externas. Estão à mão como se poderia dizer, sempre que delas se necessita como explicação. Seu papel na instigação de um sonho é pouco ou nada acessível à confirmação, como ocorre com os estímulos objetivos mediante a observação e a experimentação. A principal prova deste fator de investigação de sonhos das excitações sensoriais subjetivas é fornecida pelo que se conhece como “alucinações hipnagógicas”, ou fenômenos visuais imaginativos”, que consistem em imagens, com frequência muito nítidas e rapidamente mutáveis, que tendem a surgir durante o período do adormecimento, e

pode algumas vezes permanecer por algum tempo depois que os olhos se abrem.

Strumpell (1877, APUD FREUD, 1900), acredita que durante o sono a mente atinge uma consciência sensorial mais profunda e ampla dos eventos somáticos do que durante o estado de vigília. É obrigada a receber e a ser afetada por impressões de estímulos provenientes de partes do corpo e de modificações do corpo das quais nada sabe enquanto desperta.

Estímulos Somáticos Orgânicos Internos: Os nossos órgãos internos tornam-se uma fonte de sensações estados de excitação, ou durante as doenças. Sensações que devem ser comparadas aos estímulos sensoriais ou penosos que nos chegam do exterior.

Os distúrbios dos órgãos internos agem, como instigadores de sonhos em inúmeros casos. A frequência dos sonhos de angústia nas doenças do coração e dos pulmões é geralmente admitida. Durante o sono a mente estando desviada do mundo exterior, pode dispensar maior atenção ao interior do corpo, onde os órgãos causam excitação mesmo o indivíduo não estando em estado de vigília.

Simon (1888, APUD FREUD, 1900), afirma que quando um aparelho orgânico que normalmente desempenha um papel na expressão de uma emoção é levado por alguma causa estranha durante o sono, ao estado que geralmente se produz pela emoção, surge então um sonho que contém imagens adequadas à emoção em causa. Estipula que se um órgão estiver em estado de atividade, excitação ou perturbação durante o sono, produzirá imagens relacionadas com o desempenho da função executada pelo órgão.

Fontes Psíquicas de Estimulação: O enigma da formação dos sonhos pode ser solucionada pela revelação de um suspeita fonte psíquica de estimulação. Entretanto não se tem nenhuma surpresa ante a superestimação do papel desempenhado na formação dos sonhos por estímulos que não decorrem da vida mental. Eles são fáceis de descobrir e passíveis de confirmação experimental, como também a visão somática da origem dos sonhos está em perfeita harmonia com a corrente de pensamento predominante na psiquiatria de hoje. É verdade que a predominância do cérebro sobre o organismo é sustentada com aparente confiança.

Freud (1900) discorre também apresentando os motivos pelos quais esquecemos de nossos sonhos ao despertar. Em primeiro lugar diz que todas as causas que conduzem ao esquecimento na vida de vigília

operam também no tocante aos sonhos. Quando estamos acordados, normalmente nos esquecemos, de imediato, de inúmeras sensações e percepções, seja porque foram fracas demais ou porque a excitação mental ligadas a elas foi excessivamente pequena. O mesmo se aplica a muitas imagens mais fortes, adjacentes a elas, são recordadas. O fator da intensidade não é suficiente para determinar se uma imagem onírica será lembrada.

As imagens oníricas constituem experiências únicas, esse fato contribui para fazer com que esqueçamos todos os sonhos. Uma importância muito maior prende-se a uma terceira causa do esquecimento. Para que as sensações, as representações, os pensamentos e assim por diante atinjam certo grau de suscetibilidade para serem lembrados, é essencial que não permaneçam isolados, mas que sejam dispostos em concatenações⁷ e agrupamentos apropriados (FREUD, 1900).

Ou seja, em geral é tão difícil conservar o que é absurdo como reter o que é confuso e desordenado, na maioria dos casos, faltam aos sonhos inteligibilidade e ordem. As composições que constituem os sonhos são desprovidas das qualidades que tornariam possível recordá-las, sendo esquecidas porque, via de regra, desfazem-se em pedaços no momento seguinte. Contudo alega ter observado que os sonhos mais peculiares é que são recordadas com mais clareza.

Sobre as características psicológicas dos sonhos Freud (1900) afirma que, longe de serem meras representações, os elementos dos sonhos são experiências mentais e verdadeiras e reais do mesmo tipo das que surgem no estado de vigília através dos sentidos. A mente em estado de vigília produz representações e pensamentos em imagens verbais e na fala, nos sonhos, porém, ela o faz em verdadeiras imagens sensoriais. Além disso, existe uma consciência espacial nos sonhos, visto que sensações e imagens são atribuídas a um espaço externo, tal como o são na vigília. Deve-se admitir que nos sonhos, a mente mantém com suas imagens e percepções a mesma relação que se dá na vigília. “O Desligamento do mundo externo parece ser considerado como o fator que determina as características mais marcantes da vida onírica” (FREUD, 1900).

Torna-se indiscutível, o fato de que os sonhos são capazes de dar prosseguimento ao trabalho intelectual diurno e levá-lo a conclusões

⁷ Conjugar; relacionar; encadear.

que foram alcançados durante o dia, e que podem resolver dúvidas e problemas e constituir a fonte de uma nova inspiração. Mas embora o fato seja indiscutível, suas implicações estão abertas a muitas dúvidas, que levantam questões de princípio. Freud no decorrer de seus estudos psicanalíticos se deparou com a interpretação dos sonhos e fez um compromisso com seus pacientes que ficaram de narrar-lhe livremente sobre seus sonhos, para que dessa forma fosse possível utilizar suas primeiras suspeitas com relação a essa técnica de interpretação. Durante seus estudos constata em análises, de seus pacientes, que um mesmo fragmento de um conteúdo pode ocultar um sentido diferente quando ocorre em várias pessoas ou em vários contextos, ou seja, não trata-se apenas de uma regra de símbolos e colocações, mas sim da subjetividade do indivíduo e em determinados momentos de seus costumes, crenças, sociedade vivente, família, dentre outros estímulos que podem ser levados em consideração. Descobre-se então, que o sonho é uma forma de realização de um desejo, porém não se pode ter isso como uma regra. Podemos sonhar às vezes com um contexto ao qual desconhecamos e mesmo assim estar inconscientemente elaborando essa realização de um desejo (FREUD, 1900).

Freud (1900) cita um exemplo onde na análise de um de seus sonhos constatou que tinha uma grande “sede de vingança” por uma determinada pessoa, porém nas imagens oníricas o que ele visualizava, era que estava tomado por uma sede de água insuportável e que podia ver a água, porém estava longe dele, pedindo assim para uma pessoa que estava mais próximo da mesma pegar-lhe para que fosse possível “matar” essa sede. Esse exemplo próprio de Freud ilustra bem essa relação que fazemos no sonho em realização de desejo. Sonhos têm por característica sua falta de senso, sua não obediência às leis que nos regem na vigília. Para Freud (1900) os sonhos seguem uma lei própria, seguem uma lógica que não é a lógica cotidiana. É levado assim a demonstrar que nosso aparato mental é formado pela consciência, cujas regras reconhecemos, e pelo inconsciente, cujos efeitos nos surpreendem por seguir uma lógica diferente e desconhecida.

Um desejo que não condiz com nossa posição social, nosso sexo, nossa situação civil, por exemplo, é “jogado” nesse campo que não segue as mesmas regras de nossa consciência. No inconsciente, nos diz Freud (1900), este desejo vai procurar sua expressão a qualquer custo. Se não é possível que ele se expresse conscientemente (porque no consciente atua aquela resistência que mencionamos acima, provocando o recalque),

ele vai buscar alguma expressão substitutiva que consiga escapar à censura. O sonho pode ser entendido como a expressão de uma série de desejos, que encontram nele a única via para a consciência. É por isto também que o sonho será entendido por Freud como a via régia para o inconsciente, uma vez que é sua manifestação mais direta.

Para o autor, o sentido e a importância psíquica do julgamento que muitas vezes surge nos sonhos, expressos na frase “afinal, isto é apenas um sonho”, isso nada mais é do que minimizar a importância do que está sonhando. O interessante problema diz Freud (1900), é correlato do que se pretende dizer quando parte do conteúdo de um sonho, é descrito no próprio sonho, “o enigma do sonho dentro do sonho”. Para Freud (1900) o que é sonhado num sonho, depois que se acorda do “sonho dentro do sonho”, é que o desejo do sonho procura colocar no lugar de uma realidade obliterada. Pode-se supor assim, que o que foi sonhado no sonho é uma representação da realidade, a verdadeira lembrança, ao passo que a continuação do sonho pelo contrário, meramente representa o que o sonhador deseja. Incluir algo num “sonho dentro do sonho” equivale assim, a desejar que a coisa descrita como sonho nunca tivesse num sonho como sonho pelo próprio trabalho do sonho, isso implica a mais firme confirmação da realidade do evento. O trabalho no sonho se serve do sonhar como forma de repúdio, confirmando assim a descoberta de que os sonhos são realizações de desejos (FREUD, 1900).

Não se pode deixar de citar a relação que Freud faz em sua obra sobre os sonhos e a doença mental, onde começa citando três coisas que se pode ter em mente: 1) as conexões etiológicas e clínicas, como quando um sonho representa um estado psicótico, ou introduz, ou é um remanescente dele; 2) as modificações a que está sujeita a vida onírica nos casos da doença mental; 3) as ligações intrínsecas entre os sonhos e as psicoses, apontando as analogias para o fato de eles serem essencialmente afins. Afirma Freud (1900), que não há dúvidas que com a psicologia dos sonhos, a atenção terá que ser voltada de uma forma ou de outra para a psicopatologia dos sonhos. Nos casos de recuperação de doenças mentais, observa-se muitas vezes com bastante clareza que, embora o funcionamento seja normal durante o dia, a vida onírica ainda se acha sob a influência da psicose. Segundo ele o homem atormentado pelo sofrimento físico e mental, obtém dos sonhos o que a realidade lhe nega: saúde e felicidade. Do mesmo modo há na doença mental, imagens brilhantes de felicidade, grandiosidade, etc. A suposta posse de bens e a

realização imaginária de desejos, cujo refreamento ou destruição realmente fornece uma base psicológica para a loucura, constituem muitas vezes o conteúdo principal do delírio.

Para Freud (1900) principal característica dos sonhos e da loucura reside em suas excêntricas seqüências de pensamento e sua fraqueza de julgamento. Em ambos os estados, encontramos uma supervalorização das realizações mentais do próprio sujeito que parece destituída de sentido ante uma visão sensata, a rápida seqüência de representações nos sonhos encontra paralelos na fuga de idéias nas psicoses. Há em ambos uma completa falta de sentido do tempo. Nos sonhos, a personalidade pode ser cindida. Não raro, depois se recuperam de um delírio, os pacientes dizem todo o período de sua doença lhes parece um sonho que não foi desagradável, a rigor, às vezes dizem que mesmo durante a doença, tiveram ocasionalmente a sensação de estarem apenas aprisionados num sonho – como acontece com muita freqüência nos sonhos que ocorrem durante o sono.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a humanidade sempre apresentou um interesse pelos sonhos. Com o advento da ciência no século XIX a obra “Interpretação dos sonhos”, publicada por Freud na virada do século XX, tem a sua importância por se constituir uma quebra no paradigma científico da época. Nesta obra podemos perceber as influências da neurofisiologia, quanto à explicação da base neurofisiológica do sono e do sonho, por outro lado, Freud rompe com a forma científica corrente de compreender o sonho quando inclui na sua análise o conteúdo e a história pessoal do sujeito sonhante.

Os sonhos tornaram-se dentro da psicanálise um meio de acesso ao inconsciente, da mesma forma com que se utiliza a associação livre, por exemplo. Freud (1900) mostra que na utilização da técnica de interpretação dos sonhos, o mesmo se revela como uma estrutura psíquica que tem sentido e pode ser inserida num ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília.

Pode-se levar em consideração como a interpretação dos sonhos trabalha com os materiais oníricos dentro de um ambiente normal e/ou patológico, o qual se considera que, em ambos os casos, os sonhos são conteúdos latentes geralmente gerados por fontes de desejos recalçados –

não descartando que às vezes trata-se apenas de um sonho por estímulos externos, por exemplo – que são passíveis de interpretação e elaboração.

O homem produz símbolos conscientes no aspecto psicológico e inconsciente na forma de sonhos, ele nunca entende uma coisa por completo, pode ver, ouvir, tocar, e provar, onde seus sentidos se limitam à percepção que tem do mundo à sua volta. Utilizando instrumentos que empregue; tendo que chegar a um limite de evidência, onde o conhecimento da consciência não pode transpor a aspectos inconscientes na nossa percepção da realidade, pois, a psique não pode conhecer sua própria substância.

REFERÊNCIAS

- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). [tradução: Verada Costa e Silva] 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- FREUD, S. [1900]. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- GUYTON, A.C. **Fisiologia humana**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário de psicanálise**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MENESES, A.B. O sonho e a literatura: mundo grego. **Psicol USP**, v.11, n.2, p.187-209, 2000.

Enviado em: março de 2007.

Revisado e Aceito: maio de 2007.